

“A Ética na Busca dos Limites Humanos no Desporto”

O livro, que temos o prazer de hoje apresentar, trata de Desporto.

Em especial, Desporto de *Alto Rendimento*.

Trata de Ética, em especial de ética aplicada na prática; trata da humanidade e dos seus limites; de competição, superação humana. E trata de transcendência.

Avisa o coordenador que *neste livro os autores convocam a Filosofia, Antropologia, Medicina, Teologia, Direito, Sociologia e a Pedagogia do Desporto fazendo jus à atual importância que o desporto de mais elevado nível possui*. E destaca que *o aprofundamento do tema sob várias óticas, não sendo inédito é raro no panorama da bibliografia sobre desporto*. O leitor verá que é bem certa esta consideração.

Como é próprio do melhor da criação humana, do esforço coletivo, este livro é mais do que a mera soma de conhecimento individual. Surgiu algo novo da combinação de experiências pessoais, académicas, ideológicas, religiosas, cada uma no seu tempo histórico, na sua singularidade, na viagem e com a bagagem de cada um.

Este livro é um desses indutores e instigadores de energia, que propulsionam uma nova *Cultura de Integridade* no desporto.

São *tijolos*, alicerces fundacionais de um novo modo de olhar as coisas, de uma humanidade mais exigente e condigna, na edificação de uma cultura de integridade.

Quem se dedica ao exercício de *operário da construção* deste tipo de edifício, fica exposto aos elementos, arrisca, introduz-se, com a sua ciência, curiosidade e audácia, em territórios inexplorados. Busca os limites. Os seus e os dos outros.

Este livro é, por isso, também uma metáfora. Porque contém em si mesmo a essência do que discute. Um livro sobre os limites humanos que assenta no trabalho de quem, humanamente, se propõe explorá-los. Até ao limite.

Cada um dos autores merece, por isso, o aplauso incondicional pela generosidade... por partilhar conhecimentos, pensamentos, reflexões, pistas ou ideias inovadoras, que contribuem para a edificação coletiva dessa ambicionada e necessária *Cultura de Integridade*.

A base do pensamento científico reclama que alguém perscrute e elabore 'a tese', para que esta possa ser escrutinada ou contrariada, por antítese, daí nascendo o conhecimento (dito científico ou contemporâneo) do que deve ser a *síntese* (a síntese possível, no tempo presente). O que estes autores, generosos, fizeram, foi, pois, desencadear um processo de conhecimento, de melhoria, de inovação e evolução. Obrigado. A mim, satisfaz bastante.

Importa destacar, como marca de água deste livro, a qualidade e solidez do trabalho científico, a profusão de importantes referências, a invocação de pensadores de todas as épocas, a alusão a eventos desportivos, a atletas, mas também de episódios ou acontecimentos para lá da vida desportiva ou do desporto.

Podemos sentir o batimento cardíaco acelerado quando se acercam os limites numa determinada história ou episódio. Somos compelidos a refletir, fora da caixa, ou somos provocados por convicções fortes ou por pistas inesperadas.

Neste livro podemos tomar conhecimento de parte importante da construção da referida *Cultura de Integridade* em Portugal, mas também no mundo. Aqui se encontram artigos de alguns dos artífices desta gesta/epopeia mundial, como é o caso de Luís Paulo Relógio, na criação e implementação do sistema internacional de licenciamento de clubes, de Luís Horta, no pioneirismo, inovação e liderança mundial na área da dopagem, de Alexandre Mestre, na influência na redação e arquitetura institucional do desporto, em especial Europeu, ou de José Lima, que conseguiu levar à prática aquilo que muitos

só conseguiam imaginar, tornando a ética um elemento de exercício diário e de orientação para todos os agentes desportivos, através de um dos mais aclamados mundialmente e pioneiro *Plano Nacional de Ética no Desporto*, de que a própria obra que hoje se apresenta constitui um lídimo exemplo.

Refiro este aspeto, em especial, para os jovens estudantes, praticantes, estudiosos ou curiosos do desporto. Nas suas várias dimensões. Aqui irão encontrar muita da história da construção desse novo edifício de *Cultura de Integridade* e do porquê de os principais instrumentos de política internacional do desporto (como a *Declaração de Berlim, de 2013*, ou o *Plano de Ação de Kazan*, da Unesco, de 2017) erigirem a promoção da ética e a salvaguarda da integridade no desporto como um dos 3 principais pilares a observar na elaboração e execução de políticas públicas de desporto.

Sobre a questão primordial da relação entre a moral, a ética e a integridade, encontrarão um interessantíssimo artigo de António Camilo Cunha. Já lá vamos.

Em todo o livro, seja qual for a temática, o estilo de escrita, a ciência ou a visão dos autores, perpassa uma paixão genuína por desporto, pelo desporto, pelo seu poder, ou este quase insolente modo de nos agitar, provocar emoções, sentimentos. Mas também de nos juntar. Unir. Capaz de gerar incontáveis reflexões, sobre o seu poder. Esse poder, quase mágico, que o transformou na primeira forma humana de competição em que passou a ser possível ganhar sem ter de matar ou desejar destruir o adversário.

Esta irrequietude, quase pueril, partilhada, de se perceber quão vasto, poderoso e humano é o desporto, no seu melhor, atravessa todas as páginas.

Poderá dizer-se, sem exagero, que qualquer um dos autores deste livro se revê e inspira nas palavras de *Nelson Mandela* na descrição do poder do Desporto e nas considerações do *Barão de Coubertin* ou do *Prof. Manuel Sérgio* de que no centro, está o homem, está sempre o homem. No sentido *homo* clássico, universal, por referência aos homens e às mulheres, como ressalva Luísa Ávila da Costa no seu artigo.

E o desporto pode mesmo muito mais do que a maioria de todos nós pode imaginar. Mesmo aqueles que, atrevidamente, acreditamos sabê-lo superficialmente. É difícil imaginar, sequer, o que o desporto pode trazer de novo às nossas sociedades, por exemplo, com a emergência da Inteligência artificial. Luís Horta, Pedro Sequeira ou Ana Santos partilham informação e reflexão especialmente interessante sobre as oportunidades, mas também os riscos éticos associados.

De uma forma espontânea, mas constante, o desporto foi ocupando nas nossas vidas um lugar cada vez maior, em dimensões às vezes impercetíveis, mas avassaladoras. Mais de metade do investimento em conteúdos televisivos é em desporto, os média, em geral, ocupam proporcional ou maior percentagem do espaço mediático e os consumidores procuram incessantemente produtos de entretenimento associados ao desporto.

O sucesso do Desporto tem o seu reverso, atraindo criminosos, oferecendo campo fértil para práticas abusivas, ilegais ou antiéticas. Os desafios são tremendos, mas o valor do desporto justifica todo o esforço individual e coletivo. O preço de salvaguardar o seu valor para toda a sociedade, os indivíduos ou as comunidades, é a sua proteção, a preservação da sua integridade, a vigilância sobre os riscos e a promoção, na prática, e extensivamente, da sua matriz fundacional, intrínseca e definidora, que é a Ética. A ética como limite, como, porventura, o único e verdadeiramente racional limite humano. Por opção, por convicção, por inteligência.

(...)

O livro começa numa viagem com o **Prof. Rui Proença Garcia**, que nos atrai, inclemente, do alto do *Col du Tourmalé: Desporto de alto rendimento ou a busca dos limites humanos*.

Com a generosa frontalidade que lhe é característica, adverte-nos que *só com dor é que se consegue conhecer os limites do corpo humano em contexto desportivo. Qual Bojador, quem quer conhecer os seus limites tem de tem que passar além da dor.*

Com a inexcelsível capacidade de tornar cristalino o complexo, simples o erudito ou dar exemplos que iluminam o que parecia difícil de entender, o Coordenador dá-nos a primeira orientação de viagem: ***é no desporto de alto rendimento que se conhece, e sem cessar se procura, até onde o ser humano consegue ir.*** Para, a seguir, sublinhar que *o ser humano tem consciência de que há limites, mas age como se os limites fossem ilimitados.*

Como lidar com esta tensão que pode ser traduzida entre a vontade ilimitada e os limites biológicos?

Na possibilidade de resposta a esta tensão surge a hipótese de se aumentar artificialmente as capacidades biológicas, por exemplo através do doping, mas aqui entram limites de outra natureza, da ética.

Quais os limites entre o lícito e a ilicitude, entre a moral e a imoralidade, entre o ético e o não ético?

Finalmente, desafia o leitor a perceber se, no final do livro, lhe surgirá a mesma dúvida que ocorreu ao autor: o desporto terá limites?

Recordando as palavras de Adalberto Dias de Carvalho, de que *«o ser humano é um habitante do limite»*, convida-nos à leitura e ao imaginário desse limite, por meio dos autores, cujo trabalho atesta a diversidade de pensamento, sem transigir em manter inalterável a *dignitas* do desportista.

José Carlos Lima, faz-nos refletir **no limite como condição**.

Começa por destacar que de forma instintiva, associamos o conceito de limite aos sinónimos de barreira, fronteira, conclusão, finitude ou meta, mas nunca como condição para a superação, desafio ou ir para além do próprio limite.

O seu desafio foi tentar conceber o limite como «condição», mas também como um «trampolim» para a superação. Toda a superação, sublinha, é sempre um quebrar de alguma limitação e, por isso, prossegue, procurando surpreender as «pontes» entre o limite e a superação, limite e condição, atleta e o asceta, entre o desporto e ascese, entre o exercício e o treino ou ainda, entre o adepto comum e o seu ídolo.

Numa escrita fluída e especialmente rica em referências, pergunta-se e interpela-nos sobre o que nos leva a desafiar o limite ou a superar-nos? Ou ainda, o que nos leva a procurar a perfeição?

Recordando que o movimento neo olímpico iniciado por *Pierre Coubertin* foi criado como uma espécie de «*religião cultural*», detém-se no desejo de “sermos Ronaldo”, exemplificando que a busca de ultrapassar o limite radica na permanente insatisfação do ser humano, que se pode denominar como «*desassossego constante*», concluindo que, nesse sentido, o desporto é a mais bela metáfora: Encarna essa busca de ir sempre mais além. Os Jogos Olímpicos (JO) não são mais que a exaltação deste culto, da busca de ir mais além.

Neste contexto, cita Nietzsche: «*Cada homem só progride quando busca a sua orientação em vista ao impossível*» e anota a nossa sede de imortalidade.

A oferta da imortalidade ou da eternidade já não é só monopólio das religiões.

Sublinhando a importância de valorizar o processo em vez do resultado, através do rigor, disciplina, trabalho, dedicação, destaca que no desporto como na vida ascética temos de nos fixar em ultrapassar o erro, de lutar contra a «*noite escura*».

O limite é condição, no sentido de acrescentarmos alguma coisa à natureza, à cultura, ao desporto, à religião e a nós mesmos.

Constatando que a condição humana é limitada – mesmo a nossa liberdade é sempre limitada ou condicional – desde logo pela nossa corporeidade, o nosso corpo tem os seus limites, destaca que estas limitações são também condição de possibilidades. O limite surge como condição para a superação, já que os limites da condição humana são possibilidades para a superação, até para atingir o impossível.

Destacando exemplos paradigmáticos de atletas que superaram limites aparentemente impossíveis de transpor, explica como, para isso foram fundamentais um conjunto de virtudes como a disciplina, resistência, fé, perseverança, entre outras.

A busca da perfeição, da vitória, da superação pelo treino ou ascese tem de se fazer com ética. O processo de chegar à vitória, e a vitória em si, têm de ter valores.

Há, pois, um dever moral, ou desígnio ético, em particular para os atletas: nunca fazer menos do que aquilo que podem dar; e, conclui, se o treino ou ascese nos ajudam a superar os limites, também é verdade que não poderão ultrapassar determinados limites. É que a ética impõe o dever de respeitar-me a mim próprio, de respeitar o outro, a dignidade da pessoa, de ser verdadeiro pois só desta maneira é que a superação de limites nos pode conduzir ao aperfeiçoamento, à felicidade.

Adalberto Dias de Carvalho, propõe uma abordagem filosófica da problemática dos limites no desporto, fazendo-nos refletir sobre os limites desportivos como espetáculo.

Partindo da convicção de que a busca dos limites é intrínseca à condição humana, o autor leva-nos a refletir como, na educação, os limites se constituem, com formulações diversas, como *referenciais* e até mesmo como objetivos a alcançar pelos educandos.

Quando considerados na sua dimensão ética, os limites induzem comportamentos orientados pela prudência e o comedimento, e não deixa de ser curioso que todos os seres humanos, individual ou coletivamente, tendo necessidade de se organizarem ou apenas de sobreviverem, procurem ou elaborem regras que, reconhecendo comportamentos adequados, riscos e possibilidades, impõem ou legitimam limites.

Na comparação entre os seres humanos e os restantes animais, os humanos deparam-se, desde logo, para além dos limites físicos, com os limites éticos, sendo que, em qualquer caso, de forma mais ou menos sofisticada, prevalece a gestão da sobrevivência, social ou até vital.

Os limites, sublinha, destinam-se a impor o respeito pelas regras próprias de cada atividade, já que as nossas sociedades tendem a privilegiar a sua estabilidade ética, social e política, como demonstram os fenómenos revolucionários que, ao erigirem novos ideais, em contraste com os existentes, defendem práticas desestabilizadoras, mas sempre tendentes para a futura configuração e institucionalização de uma nova ordem.

Finalmente, aludindo à *“teoria do caos”*, ou às *“teorias da complexidade”*, o autor desafia-nos a pensar como a conceção dos limites, pelo menos quanto à natureza, valor e importância de cada um deles, é da responsabilidade, individual e/ou social, dos sujeitos humanos.

António Camilo mergulha-nos nas dialéticas, limites e possibilidades da competição, do desporto e da ética.

Numa escrita cheia de ritmo, clara e estimulante, o autor destaca que uma característica central do desporto é a sua dimensão dialética: a vitória e a derrota; a afirmação e a superação; o real e o simbólico; o corpo objeto e corpo sujeito; o prazer e a dor; o aprisionamento e a catarse; a competição e o lazer; a diversão e o resultado; o limite (regra) e o não limite (para além da regra); a descontração e a tensão; o ser ético e o ser não ético, entre tantas outras.

À competição, imanente ao desporto, junta a importância da ética, enquanto ação prática (a boa ação, a ação valorativa, virtuosa), tratando-os como elementos essenciais da prática desportiva. Desafia-nos para um diálogo sobre essa trilogia: competição, desporto e ética.

Convocando uma posição com muitos adeptos (em que me conto), explica que a moral representa as bases teóricas e práticas que estão inscritas no texto; enquanto a ética representa a ação prática. Ou seja, a moral aparece como a posição teórica, o texto escrito, a lei, a norma – um *minimus*. A ética, por seu lado, está no campo da prática, da ação – da boa ação. A ética está assim num campo de – um *maximus*. A ética coloca em prática a moral. Neste sentido, há uma comunhão perfeita entre moral e ética. Contudo, a ética contém em si uma «força maior». Ela poderá (deverá) pôr em causa a moral, contrariando-a, mediante as circunstâncias, os contextos e as particularidades que se justifiquem.

Verá o leitor que vale a pena acompanhar o autor na viagem.

Mais adiante, acrescenta que o ser humano, nas suas mais elevadas e nobres energias, é simultaneamente natureza e humano. Ele transporta um duplo carácter. Por um lado, a justiça, a paz, a harmonia, a moderação, a moral pensada, a ética praticada. Mas, por outro lado, o ser humano também transporta consigo a destruição, o instinto, o tumulto, a inveja que encontramos de forma explícita no dito período pré-grego. É neste contexto

que refere Nietzsche, que fez elevar uma variável que considerou fundamental para o desenvolvimento humano – a competição.

Transportando-nos por entre o universo mitológico grego – das Deusas Eris, a boa e a má – e da discórdia, como condição da evolução humana, o autor desafia-nos a pensar que a competição (mesmo que áspera, instintiva) é uma força afirmativa e criadora que impele os homens para a ação, para a boa ação. A outra competição – que também conhecemos –, a competição sem ética, que conduz para lá dos limites, «abre a porta» à Má Eris.

Conclui que, de alguma forma o pensamento e a práxis moderna sobre a competição, contêm os ensinamentos gregos e, de forma latente e manifesta, as «*duas deusas da discórdia e da inveja*», temperada com os valores, as virtudes e os comportamentos considerados valorosos. Por isso, a competição, o desporto e a ética (variáveis estruturantes do pensar e fazer Olímpico) nos seus sentidos dialéticos, nas suas balizas (limites) e possibilidades, têm na sua essência um papel altamente modernizador e civilizador.

Luísa Ávila da Costa começa por nos desafiar a pensar se nada é impossível e se o céu é mesmo o limite.

Partindo da consideração de que a busca incessante pela superação dos limites é uma característica marcante do mundo contemporâneo, argumentando que a exacerbação do desejo e admiração pelo desempenho máximo e sua constante superação espelha uma perspectiva neoliberal e capitalista que concebe o desporto como uma manufatura de produção de resultados, a autora procura desconstruir o que entende ser uma visão mecanicista, a que importa responder sublinhando a complexidade e a integralidade da condição humana.

Invocando as pistas deixadas por *Hartmut Rosa* e pelo seu conceito de “*indisponibilidade*”, destaca que há elementos da vida e do mundo que não podem ser completamente controlados, previstos ou transformados em recursos consumíveis e utilizáveis. Por isso, argumenta pela necessidade de atender ao segundo conceito essencial daquele autor, o de “*ressonância*” – uma relação recíproca, viva e mutuamente enriquecedora entre o sujeito e o mundo, recentrando a análise na promoção de uma prática desportiva que nutre a condição humana, favorecendo o florescimento pessoal e comunitário, em vez de perseguir uma superação individual, excessiva e alienante dos limites humanos.

Utilizando o contraponto entre o *homo faber* (o que faz, o que fabrica, o que produz) e o *homo sportivu*, o ser humano envolvido na prática desportiva, onde o corpo, o desempenho e a busca pela excelência – não apenas material, mas sobretudo integral – são centrais – a autora sublinha que apenas este último tem o potencial de recuperação de consciência sobre a condição humana, ao integrar, para além da sua dimensão produtiva, a sua dimensão social, cultural e moral.

Ao permitir-se a *ressonância* e a *indisponibilidade*, o sujeito pode transformar a prática desportiva numa experiência verdadeiramente humanizadora, alinhando-se com a noção grega de *Areté* – a busca da excelência, da virtude, da perfeição, e promover o seu desenvolvimento integral. É o mundo, a cultura, a natureza, a relação com o outro que

nos preenche e edifica humanamente, não os resultados alcançados. Assim, a transcendência no desporto deve revelar a sua afirmação, não pela busca incessante por resultados, mas pela jornada de crescimento e harmonia em todas as dimensões da vida humana, isto é, uma formação integral à imagem da *paideia* grega – sistema de educação e formação ética da Grécia Antiga.

O desporto, conclui, deve ser visto, por isso, como uma arena de desenvolvimento integral, promovendo a excelência em todas as dimensões da vida. A prática desportiva deve ser um meio de formação ética, cultural e social, preparando a pessoa não apenas para competir, mas para viver plenamente em comunidade.

Na busca dos limites, preservando a saúde dos atletas, **Luís Horta** disserta, com a sua clareza habitual, sobre os contributos da medicina desportiva e da antidopagem num ecossistema *supertecnológico*.

O autor destaca que a globalização e a digitalização vieram facilitar sobremaneira o acesso a plataformas digitais para sensibilização e educação dos agentes desportivos, com grande economia de meios e custos associados. Mas não sem riscos, em especial associados à segurança em matéria de proteção de dados.

Aludindo à pressão da sociedade sobre os atletas, por resultados e recordes, sublinha que a sobrevalorização da vantagem competitiva relativamente ao domínio da tarefa, como objetivo principal do rendimento desportivo, representa uma enorme pressão sobre os atletas.

Neste sentido, sublinha que o especialista em *Medicina Desportiva* pode e deve colaborar com outros profissionais das Ciências do Deporto na definição e implementação de estratégias visando a otimização do rendimento desportivo dos atletas através de meios lícitos e inovadores. No entanto, ao contrário do que por vezes sucede, a procura desmedida do incremento do rendimento desportivo nunca se deve sobrepôr à garantia da proteção e promoção da saúde dos atletas.

Por vezes, uma pequena atitude excessiva no planeamento do treino ou na recuperação de um atleta, alerta, pode representar a gota de água para o desencadeamento de um *Síndrome de Sobretreino*, cujo tratamento é moroso e difícil. Por isso, devem ser ponderados, com muito cuidado, os benefícios que podem advir em termos de incremento do rendimento desportivo, por um lado, e a proteção do bem-estar físico, psíquico e social dos atletas e o respeito pelos princípios mais elementares da ética desportiva, por outro. Só um equilíbrio entre estes dois pratos da balança poderá permitir uma prática desportiva segura e irrepreensível do ponto de vista ético.

Destacando a utilização crescente da Inteligência Artificial – e descrevendo os principais aspetos do Regulamento Comunitário aprovado em Abril de 2024 e a Convenção-Quadro

do Conselho da Europa, sobre esta temática, de Maio de 2024, o autor destaca o facto de aí estar consagrada a obrigatoriedade do respeito pelos Direitos Humanos e o estabelecimento de mecanismos de supervisão independente.

Explicando como a Inteligência Artificial pode ajudar a melhorar os mecanismos de antidopagem, de otimização do rendimento desportivo ou na proteção e promoção da saúde dos atletas, o autor preconiza que as instituições desportivas devem introduzir nos seus regulamentos, códigos de ética e regras de boa conduta, os termos de utilização de sistemas de IA, garantindo que são assentes no respeito pelos Direitos Humanos e orientados por princípios de boa governança.

Argumentando que o desporto beneficia e irá beneficiar com a introdução de novas tecnologias, como sempre aconteceu no passado, conclui que devem ser estabelecidos os mecanismos necessários para que a sua aplicação seja justa, igualitária, não discriminatória, e que venha a gerar benefícios e prevenir danos para os atletas e, acima de tudo, garanta o respeito dos princípios e valores do desporto.

Tadeu Celestino e **Antonino Pereira**, desafiam-nos a explorar os limites e o desporto para pessoas com deficiência.

Assentando que a transcendência é uma característica humana e que a ideia de superação tem a ver com a própria natureza do homem, os autores começam por destacar que o desporto se assume hoje como das formas mais evidentes para realizar o sonho quimérico da transcendência. *A busca dos limites invocada pela ideia de desporto, não é mais do que uma metáfora da vida, também ela expressão de transcendência.*

Nesse sentido, enquanto houver desporto, tal como o conhecemos hoje, baseado na melhoria contínua e na busca do máximo rendimento, continuará a procurar-se ultrapassar os recordes.

Os Jogos Paralímpicos demonstram que cada vez mais o mundo valoriza a dimensão ética e estética do desporto adaptado. Porém, estes Jogos não devem «*ser valorizados como modelo de humanismo piegas e redutor. São momentos de elevação da espécie humana na procura da **excelência desportiva**, daí emergindo o mais sã humanismo que revela a capacidade do homem se ultrapassar, de acrescentar novos horizontes aos seus limites*».

Aceitando que existem lacunas ao nível da reflexão teórica e da pesquisa científica no âmbito dos limites humanos e éticos no desporto paralímpico, os autores propõem-se a um estudo de caráter exploratório, tendo como objetivo conhecer os limites éticos na evolução e desenvolvimento de um atleta paralímpico.

Para tanto, trabalharam num interessantíssimo modelo, auscultando 13 antigos e atuais atletas e treinadores paralímpicos portugueses.

Deste trabalho sobressaíram algumas dimensões centrais:

A dimensão integridade: em que são sublinhados o respeito, a confiança e a honestidade como alicerces para a proteção de um desporto onde todos devem ser valorizados em igualdade, equidade e participação.

A dimensão transparência: em que o principal limite identificado está na existência de sistemas transparentes e justos de classificação e elegibilidade dos atletas com deficiência que vá ao encontro dos valores da igualdade e equidade para todos os grupos de deficiência, ou na promoção de uma **comunicação clara** e verdadeira, como elemento preponderante nas relações intrapessoais e um elo equilibrador da confiança, do respeito mútuo, ou mesmo da modelação de expectativas e valores que são partilhados.

A dimensão saúde e bem-estar: em que são destacados os contributos para a prevenção e melhoria da saúde e do bem-estar, sem, no entanto, descurar os métodos de treino e práticas que possam prejudicar a saúde e o bem-estar do praticante, argumentando, por isso, em favor de uma consciencialização e conhecimento dos limites individuais de cada atleta. *O limite é esse mesmo, respeitar o limite físico do atleta.*

Os autores concluem o riquíssimo artigo, destacando que as virtualidades do desporto para pessoas com deficiência não estão apenas na sua capacidade de proporcionar eventos espetaculares, mas, sobretudo, serem um meio para melhorar a dignidade humana e para ajudar a aperfeiçoar a nossa compreensão acerca do valor da diversidade.

Na busca pelos limites humanos no contexto do treino desportivo, **Pedro Sequeira** começa por nos advertir que, apesar de intensa investigação na área, há significativas questões éticas no domínio da carga de treino.

Propondo-se explorar os diversos fatores éticos envolvidos na busca dos limites humanos no treino desportivo, o autor transporta-nos pelo universo da pressão para a superação e o da glorificação pela sociedade dos atletas que ultrapassam os limites humanos.

Notando que há atletas de elite que são praticamente obrigados a atingir desempenhos extraordinários, para desta forma garantirem apoios e patrocínios, reconhecimento e sucesso, destaca que isso pode levar a práticas de treino de tal forma intensas (em todas as suas vertentes – técnicas, táticas, físicas e psicológicas) que podem influenciar e ser prejudiciais à saúde física e mental dos atletas.

Percorrendo o impacto e natureza de fenómenos como o doping, a manipulação de competições associadas às apostas desportivas online ou os avanços tecnológicos (roupas inteligentes, GPS, equipamentos altamente especializados ou próteses avançadas), o autor debruça-se sobre a essencialidade de pessoas e entidades responsáveis pelos atletas e equipas serem promotores ativos da ética no desporto, defendendo até à última os seus atletas e as suas equipas.

Os treinadores desempenham, por isso, um papel crucial na orientação desportiva e no bem-estar dos seus atletas, tendo a responsabilidade ética de equilibrar o desejo de vitória com a necessidade de preservar a saúde e a integridade dos atletas. Práticas de treino abusivas ou negligentes são eticamente condenáveis e podem resultar em sérias repercussões. O treinador tem de estar sempre atento a todos os sinais.

Com a contínua evolução das tecnologias e metodologias de treino, novos desafios éticos surgem inevitavelmente. A bioengenharia, a inteligência artificial e outras inovações têm o potencial de transformar o desporto de formas ainda não totalmente compreendidas, exigindo uma constante reavaliação das normas e práticas éticas. Mais uma vez, as

entidades desportivas e os treinadores têm de estar constantemente atualizados para compreenderem estas transformações e estarem preparadas para o impacto que vão ter nos seus atletas.

Ana Santos convida os leitores a conhecer e refletir sobre as implicações éticas e sociais de uma realidade nova que se designa por *capitalismo de vigilância* no desporto e nos *eSports*, em particular.

Partindo do conceito de *capitalismo de vigilância*, cunhado por *Shoshana Zuboff*, que descreve o modelo económico baseado na recolha e análise massiva de dados pessoais para fins comerciais, a autora informa-nos das implicações das práticas da recolha de dados, em especial no domínio dos *eSports*.

No *capitalismo de vigilância* o objetivo principal é extrair valor da experiência humana para a transformar na quarta «*mercadoria fictícia*». Este processo envolve a extração de dados das atividades *online* e *offline* dos utilizadores, que depois são processados e utilizados para criar modelos preditivos de comportamentos. De tal modo que *os dados têm vindo a ser considerados o novo petróleo da atualidade*.

A *curadoria algorítmica*, que nos explica, tende a reduzir a diversidade e a inovação, dificultando a visibilidade de conteúdo não convencional ou de nicho, podendo ainda ampliar a toxicidade e o assédio, marginalizar grupos minoritários e exacerbar a pressão no desempenho.

Apontando casos exemplares de fricção social e resistência ao *capitalismo de vigilância*, a autora explica como estão a surgir mecanismos de reação a este *dataísmo*, através de Associações de jogadores de *Esports*, do ativismo individual, dos fãs, de consumidores e *influencers*, para lá da ação regulamentar e legislativa, que reputa determinantes.

Deixa-nos, finalmente, pistas fundamentais para saber como equilibrar a inovação tecnológica com a privacidade dos indivíduos, especialmente na recolha de dados em desportos e *Esports*, ajudando a determinar os limites éticos para a utilização de dados biométricos e de desempenho dos atletas.

Na abertura do capítulo dedicado às visões do **Direito Desportivo** sobre os limites humanos e éticos, **Luís Paulo Relógio** oferece-nos uma visão sobre a transversalidade da ética no desporto.

Partindo da clássica definição do direito como um sistema de normas de conduta social, assistido de proteção coativa, o autor sublinha que, ao contrário das normas jurídicas, as normas éticas estão muitas vezes desprovidas de proteção coativa. Que consequências, por isso, para a violação de conteúdos éticos? Para além da auto-censura, individual, ou do efeito social, expressos de modo mais ou menos sensível.

Por isso, alega, compete ao legislador definir o que é justo, o que é ético, evitando, tanto quanto possível, deixar aberta a porta que permita a evasão, a adulteração da verdade pretendida alcançar com a norma.

Depois de sublinhar a crescente relevância da ética nos instrumentos regulatórios internacionais, o autor elabora e explica as experiências do licenciamento de clubes e dos mecanismos de antidopagem que foram implementados.

Concluindo que a ética é universal, tal como a universalização do desporto, sublinha que cabe à regulação procurar, por um lado, estabelecer os limites éticos comuns a todos e, por outro lado, prever e acautelar as situações que assegurem a equidade entre todos os atletas e demais atores.

Maurício Corrêa da Veiga oferece-nos uma sólida e interessante reflexão sobre Direito e Desporto, limites éticos e transversalidade.

Aludindo à aceleração tecnológica a que estamos submetidos, o autor destaca que a ética e a capacidade de olhar e atender ao outro, são valores inflexíveis, intemporais, que importa cultivar, sempre e com rigor absoluto.

Cientes de que a incessante busca pela excelência no desporto nem sempre se dá por meios lícitos ou éticos, o autor considera necessário prover pela proteção de um sistema desportivo justo, transparente e sustentável. Para tanto, preconiza o estabelecimento de alicerces éticos claros, oferecendo exemplos concretos.

Aludindo aos riscos emergentes da manipulação de resultados, do racismo ou do doping, fornece pistas que permitirão a almejada implementação de mecanismos eficazes para monitorar o cumprimento das normas éticas e punir aqueles que as infringem, como dimensão fundamental para a construção de um sistema desportivo justo e transparente.

Patrícia Sousa Borges oferece ao leitor uma reflexão, abundantemente sustentada, sobre os '*limites da linguagem dirigida ao árbitro no exercício das funções*', indagando sobre a possibilidade de estarmos perante '*um terreno sem lei*'.

Elaborando sobre as fronteiras entre a salvaguarda dos *direitos de personalidade*, constitucionalmente protegidos e o conceito de *adequação social*, como eventual causa justificativa para a ilicitude, a autora percorre diversos incidentes e arrestos de tribunais superiores onde essa tensão, sem solução evidente, tem vindo a ser dirimida.

Explorando os aspetos atinentes ao contexto social do desporto, mas também ao sentimento de lesão dos seus direitos de um árbitro de futebol (alvo de ofensas, que noutro contexto seriam indubitavelmente sancionadas) a autora desenvolve com especial profundidade, a tensão entre os interesses em presença – liberdade de expressão vs. a honra e a reputação, e os limites a considerar, sem que nenhum daqueles direitos seja desprovido do seu núcleo essencial.

Concluirá a autora que '*o terreno de jogo não é um terreno sem dono*', pelo que caberá ao direito definir os limites ao exercício de todos os direitos que se concentram naquela órbita, não podendo eximir-se de os demarcar.

Lúcio Correia debruça-se sobre a ética e o *dever de ocupação efetiva* na relação laboral desportiva.

Partindo de uma definição de ética, concretizada na avaliação que fazemos daquilo que «*é bom ou mau, correto ou incorreto, falso ou verdadeiro, positivo ou negativo*», o autor oferece-nos uma visão de conjunto sobre os principais desafios éticos no domínio da relação laboral desportiva, recordando o percurso legislativo e a sua consolidação no ordenamento jurídico nacional.

Debruçando-se, em particular, na questão do *dever de ocupação efetiva* do trabalhador, desportista, pelo empregador, o autor elabora com muito interesse sobre os aspetos essenciais de tal obrigação, convocando exemplos práticos e ilustrando as suas conclusões com as consequências sofridas por vários atletas.

Reconduzindo a questão ao domínio da boa-fé, como um dever laboral ético, o autor preconiza que existe um direito à valorização e dignificação profissional dos trabalhadores, com cobertura constitucional, pelo que a violação do *dever de ocupação efetiva* se deva reconduzir também a um problema ético laboral, assente na violação do dever geral de boa-fé e fundamental no que respeita à dignidade da pessoa humana, sem prejuízo de dever ser atendida, de igual modo, a situação em que o empregador desportivo tem motivos válidos para suspender a atividade do seu trabalhador.

Alexandre Miguel Mestre oferece-nos uma sólida reflexão – como é seu timbre – sobre a existência de um limite mínimo para um futebolista ser representado por um agente de futebol, destacando, à cabeça, o anacronismo de a FIFA dizer que não e a lei portuguesa dizer que sim.

Explorando e explicando o conceito de *'critério de igualdade proporcional'*, no domínio do Direito Constitucional, o autor percorre vários exemplos legislativos em que aos menores são facultados diversos direitos, nomeadamente de emancipação, que veem ser-lhes recusados, em particular, no caso de pretenderem celebrar um contrato com um agente de futebol para a progressão na carreira.

Indaga o autor: porque é que alguém com 16 anos pode emancipar-se, casar-se, até mudar de sexo, por sua autorrecriação, mas não pode escolher um empresário desportivo para o representar?

Oferecendo uma sólida e sustentada argumentação, o autor conclui que *'é na ausência de um contrato que o cenário do tráfico de menores floresce...'*, e os interesses do atleta menor são postos em causa, pelo que o legislador nacional deve ponderar a revogação das normas em questão, de modo a garantir o direito dos praticantes desportivos menores de idade a serem representados por empresários desportivos e ao mesmo tempo, convergir com a solução da FIFA.

O Prof. **Rui Proença Garcia**, em jeito de epílogo, oferece-nos uma visão final sobre a obra, refletindo sobre a *ética como condição para a busca dos limites humanos no desporto*.

Recordando as características únicas e específicas do desporto de Alto Rendimento, oferece ao leitor uma melhor compreensão sobre a sua relação com o pensamento ético, desafiando também o leitor a refletir sobre a sucessão de derrotas e vitórias que forjaram a história da evolução humana.

Cada ser vivente, sublinha, é expressão de uma cadeia contínua de vitórias, pelo que se pode considerar o Desporto de Alto Rendimento como uma metáfora da evolução da vida.

O desporto, destaca, pergunta sistematicamente pelos limites do ser humano.

O desporto moderno coloca a pergunta a todos, num claro convite à busca do limite individual, e pergunta à humanidade pelos seus limites, ou seja, pelos limites do ser humano. Até onde pode o ser humano chegar? E a humanidade?

Conclui o autor, e coordenador, que só o desporto coloca condições de natureza ética na busca dos limites humanos. Nesse sentido, malgrado desvios – que os há sem dúvida – o desporto deve ser percebido como uma vitrina ética da sociedade, sendo obrigação de todas as pessoas que gravitam em seu redor, sejam eles, atletas, dirigentes ou estudiosos, preservar e fazer respeitar os seus valores mais profundos.